



ESTADO DO ACRE
CÂMARA MUNICIPAL DE MARECHAL THAUMATURGO
GABINETE DO PRESIDENTE

História



O município de Marechal Thaumaturgo originou-se do Seringal Minas Gerais, em terras ocupadas por seringueiros brasileiros, invasores de terras peruanas a partir de política expansionista financiada pelo Governo do Amazonas. Com a formalização do Tratado de Petrópolis (1903) entre o Brasil e a Bolívia, ficou estabelecida a extensão do Acre e, portanto, do Brasil até as cabeceiras do rio Purus. Assim o território brasileiro adentrava-se em terras consideradas como pertencentes

ao Peru até o nascedouro do rio Purus.

Assim, o Tratado de Petrópolis, assinado entre a Bolívia e o Brasil, também passou a definir os limites com o Peru, o que resultou em uma série de conflitos entre o Peru e seringueiros brasileiros no ano de 1904.

Disto resultou a assinatura do Tratado do Rio de Janeiro (1909), que definiu novos limites do Brasil com Peru, e onde aproximadamente 40.000 km² de terras da bacia do alto rio Purus foram reconhecidas como pertencentes ao Peru. Entretanto, no vale do alto rio Juruá, o governo brasileiro comprou as terras até então habitadas por seringueiros brasileiros, consolidando-se as novas fronteiras com a assinatura do Tratado do Rio de Janeiro, em 1909, entre Brasil e Peru.

Somente em 28 de abril de 1992 foi criado o município de Marechal Thaumaturgo, a partir de um desmembramento do município de Cruzeiro do Sul.

A sede do município situa-se à margem esquerda do Rio Juruá, na foz do rio Amônia. Os transportes fluvial e aéreo são os únicos meios de acesso a Marechal Thaumaturgo. O município possui uma forte dependência econômica com Cruzeiro do Sul, através do rio Juruá.

Sua economia é insipiente, baseada na agricultura de subsistência e na pecuária. Os agricultores da região costumam cultivar as praias dos rios Juruá, Amônia e Arara com feijão, macaxeira, batata-doce, amendoim e melancia. As atividades extrativistas (látex e açai) estão praticamente extintas devido a inviabilidade econômica e social.

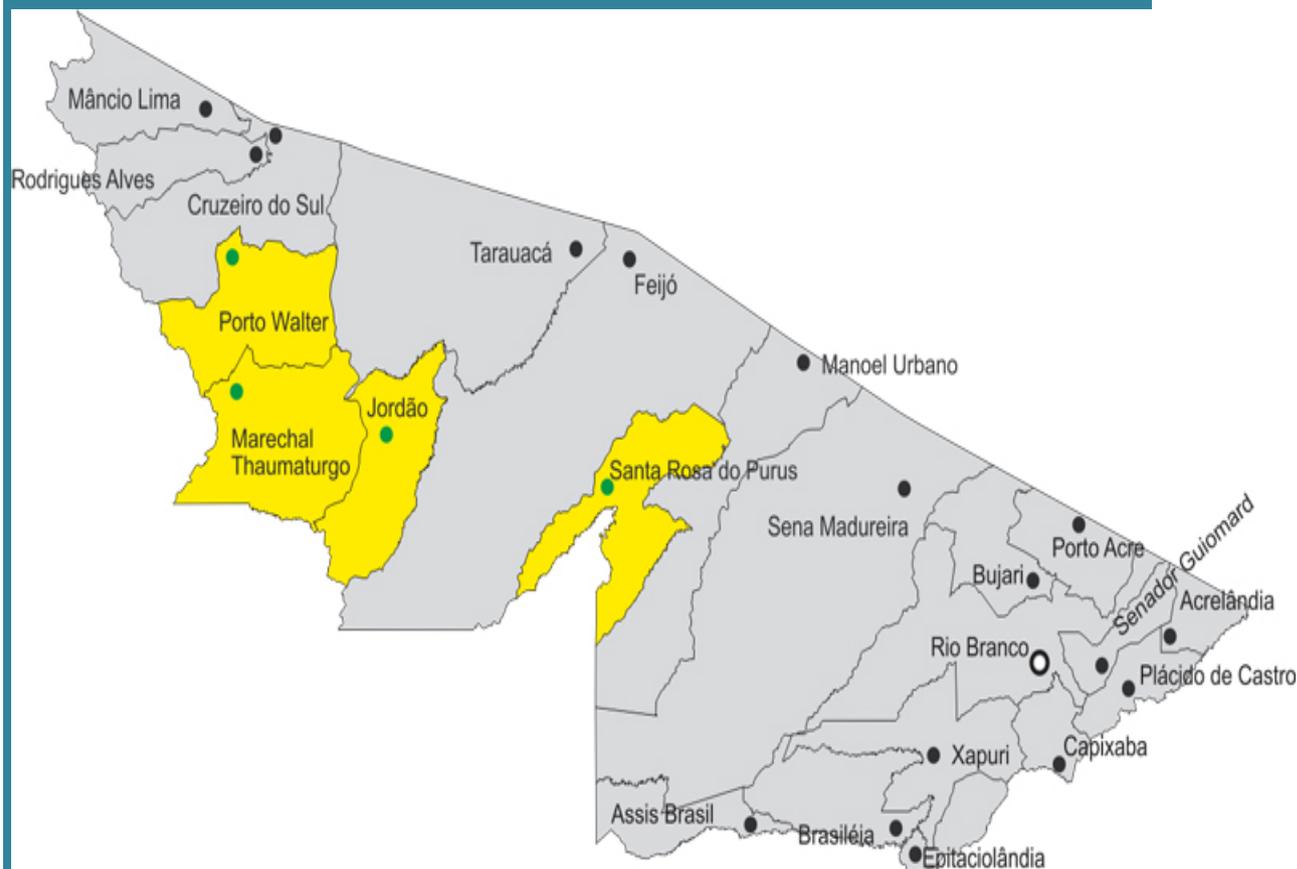
Nome



Gregório Thaumaturgo de Azevedo
26.12.1889 a 04.06.1890 (Piauí)
01.09.1891 a 27.12.1892
(Amazonas)

O nome da cidade é uma homenagem ao militar Gregório Thaumaturgo de Azevedo, que fundou a cidade de Cruzeiro do Sul e foi prefeito do Alto Juruá após a anexação do Acre ao Brasil, com o Tratado de Petrópolis de 1903.

Geografia



Distrito criado com a denominação de Thaumaturgo ex-localidade de Zos do Amônia, em 1905, confirmada pelo decreto do Prefeito nº 39, de 11-07-1906, subordinado ao Departamento do Alto Juruá.

Limita ao norte com os municípios de Tarauacá e Porto Walter, ao sul e ao oeste com o Peru, e a leste com o município de Jordão

Em divisão administrativa referente ao ano de 1911, distrito de Thaumaturgo, permanece no Departamento de Juruá.

Assim permanecendo em divisões territoriais datadas de 31-XII-1936 e 31-XII-1937.

Pelo decreto-lei estadual nº 43, de 29-03-1938, o distrito de Thaumaturgo deixa de pertencer ao Departamento de Juruá para ser anexado ao município de Cruzeiro do Sul.

Pelo decreto-lei estadual nº 6163, de 31-12-1943, o distrito de Thaumaturgo adquiriu parte do distrito de Foz do Jordão do município Tarauacá ex-Seabra.

Em divisão territorial datada de 1-VII-1950, o distrito de Thaumaturgo permanece no município de Cruzeiro do Sul.

Assim permanecendo em divisão territorial datada de 1-VII-1960.

Elevado à categoria de município com a denominação de Marechal Thaumaturgo, pela Constituição estadual de 01-03-1963, desmembrado de Cruzeiro do Sul. Sede no atual distrito Marechal Thaumaturgo. Constituído do distrito sede.

Em divisão territorial datada de 31-XII-1968, Thaumaturgo ex-Marechal Thaumaturgo aparece como distrito de município de Cruzeiro do Sul, pois o mesmo fora criado e não instalado.

Pelo decreto estadual nº 73, de 11-06-1976, o distrito de Thaumaturgo passou a denominar-se Marechal Thaumaturgo.

Em divisão territorial datada de 1-1-1979, o distrito de Thaumaturgo, figura no município de Cruzeiro do Sul.

Assim permanecendo em divisão territorial datada de 1988.

Elevado à categoria de município com a denominação de Marechal Thaumaturgo pela lei estadual nº 1029, de 28-04-1992, alterado em seus limites pela lei estadual nº 1064, de 09-12-1992, desmembrado de Cruzeiro do Sul. Sede no atual distrito de Marechal Thaumaturgo. Constituído do distrito sede. Instalado em 01-01-1993.

Em divisão territorial datada de 2003, o município é constituído do distrito sede.

Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2007.

Alteração toponímica distrital

Thamaturgo para Marechal Thaumaturgo, alterado pelo decreto estadual nº 73, de 11-06-1976.

Fonte: IBGE

População 2014: 16.380

Área de unidade territorial (Km²): 8.191,728

Densidade demográfica (hab/km²): 1,74

Gentílico: Thaumaturguense

Padroeiro: São Sebastião

Prefeito: Isaac da Silva Piyãko

Vice – Prefeito: Valdélcio José do Nascimento Furtado

Presidente da Câmara Municipal: João Luciano da Costa

Aniversário da cidade: 05 de Novembro

Serviços de transportes

Aéreos - através de aeronave de pequeno porte, em pequena pista de pouso;

Fluviais - através de pequenas embarcações, via Rio Juruá.

Brasão



Bandeira do Município



Como Thaumaturgo expulsou os peruanos do Juruá

06/12/2015, 22:03 | Por: Vanísia Nery

Cruzeiro do Sul havia sido fundada há pouco mais de dois meses e nem todas as repartições públicas tinham feito mudança para o seringal centro brasileiro

Transcorria o mês de novembro do ano de 1904, o rio Juruá já ganhara água suficiente para permitir a navegação dos primeiros navios das casas aviadoras de Belém e Manaus que se apressavam em trazer passageiros e mercadorias para abastecer os barracões dos seringalistas. Depois de desembarque dos utensílios necessários ao fabrico da borracha como baldes, tigelas, porongas e lamparinas, facas, terçados, machados, espingardas, chumbo, pólvora e, de alimentos como carne enlatadas, biscoitos, açúcar, sal, e cachaça inicia-se o embarque das pelias de borracha e sernambi.

O navio o “Juruá”, da casa aviadora paraense Antonio Cruz & Companhia, estava ancorado no porto do seringal invencível, sede provisória da cidade Cruzeiro do Sul, situado na confluência dos rios Juruá e Moa. Há dois meses deixara o porto de Belém e agora estava de baixada a fim de ter tempo de fazer uma nova viagem antes da chegada do verão.

Cruzeiro do Sul havia sido fundada há pouco mais de dois meses e nem todas as repartições públicas tinham tido tempo suficiente para efetivar a mudança para o seringal centro brasileiro, local escolhido pelo prefeito Gregório Thaumaturgo para abrigar a sede definitiva da prefeitura do Departamento do Alto Juruá.

Enquanto se ocupava em planejar a nova cidade, com a segurança de quem já fora governador dos estados do Piauí e Amazonas, o marechal Thaumaturgo recebeu uma má notícia: o Peru acabara de instalar um posto aduaneiro na confluência dos rios Amônia e Juruá, para cobrar impostos da borracha que por ali passava e tivera, ainda, a ousadia de denominar o local de Nuevo Iquitos.

A notícia apanhou o general de surpresa uma vez que até então os peruanos estavam se mantendo acima da foz do rio Breu. Com a experiência de quem trabalhara junto à comissão encarregada de demarcar a fronteira do Brasil com a Venezuela, o marechal logo deduziu logo a estratégia do vizinho: como os dois países estavam preparando uma comissão mista para percorrer o Juruá a fim de demarcar os seus limites fronteiriços com base no direito de posse o Peru avançava Brasil adentro a fim de consolidar novas posições.

O marechal então com 51 anos de idade, homem trabalhador, de têmpera irascível, habituado a confrontos ficou profundamente irritado com a atitude dos peruanos. Havia de tomar medidas imediatas – pensou – para preservar o território do Departamento do Alto Juruá, cuja gestão lhe fora confiada pelo próprio presidente da República. Não havia tempo o suficiente para comunicar-se com a Capital Federal, o Rio de Janeiro, e aguardar providências. Era necessário agir logo, pensou. Ele tinha um problemão pela frente por que a guarnição da tropa federal a sua disposição era composta de poucos homens e mesmo assim não havia como transportá-la até o Amônia, ou Nuevo Iquitos como queriam os peruanos

Enquanto pensava como enfrentar aquela situação nova tomou conhecimento de que no porto do seringal Invencível estavam ancorados dois navios o “O Moa”, de propriedade da firma “Mello’ & Cia, e o “O Juruá” de propriedade de uma casa aviadora de Belém que seriam suficientes para levar a tropa para enfrentar os peruanos. Cuidou, então, de

encaminhar ofícios aos comandantes das embarcações requisitando os navios com a advertência de que a só poderiam deixar o porto com seus soldados. O que ele não esperava era a reação do comandante do navio “O Juruá”, Alberto Serra Freire, que foi procurá-lo para dizer que não poria o gaiola a disposição da prefeitura uma vez já estava

de baixada para Belém e que não tinha combustível nem rancho suficientes para atender a requisição. Mas o general não lhe deu alternativa: o navio havia de fazer a viagem ainda que tivesse de empregar a força para conduzi-lo.

No dia seguinte os dois navios subiam o Juruá e seis dias depois chegaram à foz do Amônia. A batalha do Amônia, como ficou conhecido o episódio, durou três dias, findos os quais os peruanos se renderam com a baixa de 9 mortes, enquanto do lado dos brasileiros foi registrada uma morte e vários feridos.

Através do relato do farmacêutico Mário de Oliveira Lobão que embarcara em um dois navios para atender eventuais feridos é possível ter uma visão bem precisa do confronto: No dia seguinte os dois navios subiam o Juruá e seis dias depois chegaram à foz do Amônia. A batalha do Amônia, como ficou conhecido o episódio, durou três dias, findos os quais os peruanos se renderam com a baixa de 9 mortes, enquanto do lado dos brasileiros foi registrada uma morte e vários feridos.

“Tinham os peruanos no local 80 homens bem armados e municiados, dispendo de metralhadoras sob as ordens do General Suarez. Os dois “gaiolas” não puderam combinar um ataque à posição inimiga, devido a ter o “Môa” encalhado e a dificuldades outras de navegação, em virtude da baixa das águas. Mas o destacamento brasileiro em batelões e canoas penetrou os igarapés, desembarcou e tomou posição para atacá-la por três lados: no seringal fronteiro, Minas Gerais, na margem direita do Juruá e por trás de Nuevo Iquitos. Muitos seringueiros armados reforçaram as 50 praças de infantaria. O Capitão Ávila ficou no seringal, o tenente Mateus na barranca do Juruá e o ex-cadete da Escola Militar de Fortaleza, Oséas Cardoso na terceira face do ataque. Intimidados a capitular os peruanos recusaram e começou o fogo de parte a parte, que durou até às 5 horas da manhã do dia 5 de novembro. Então cercado e maltratado pela fuzilaria certa dos seringueiros, Sr. Ramirez rendeu-se com as honras da guerra recolhendo-se ao Departamento de Loreto. Os peruanos perderam 9 homens e tiveram muitos feridos. Os brasileiros perderam somente um homem e tiveram poucos feridos”.

Cinco anos depois, em setembro de 1909, Brasil e Peru assinaram o Tratado do Rio de Janeiro fixando os atuais limites fronteiriços, entre os dois países. Na foz do Amônia, localizada à margem esquerda do Rio Juruá, foi fundada a cidade de Marechal Thaumaturgo, em homenagem ao fundador de Cruzeiro do Sul.

Bibliografia: 1) Onofre, Manuel “O papel decisivo do Mal. Thaumaturgo de Azevedo na questão do Acre”. 2) Autos da ação ordinária para indenização, autor: Cruz & Companhia, ré: Fazenda Nacional (Acervo Tribunal de Justiça do Acre).

Fonte de Pesquisa: <https://www.juruaoonline.net/destaque-principal/como-thaumaturgo-expulsou-os-peruanos-do-juruá/>

Ler mais: <https://thaumaturgoacre.webnode.com.br/sobre-nos/>